

### **Questão de Pesquisa:**

- Como se dá a transição da escola indígena Kaingang da aldeia Por Fi Ga, para a Escola Estadual de Ensino Médio Haydée Mello Rostirolla na região do Vale do Rio dos Sinos?
- **Resumo TCC**

Há cerca de dezoito anos, chegou ao município de São Leopoldo/RS uma aldeia Indígena, denominada Kaingang, que são descendentes de uma antiga e já extinta sociedade chamada Guainá. Durante esse período foram oito anos vivendo em baixo de um viaduto, localizada na BR116, em situações precárias, até que lhes foram concedido um território no bairro Feitoria/ São Leopoldo, onde vivem até hoje e ainda enfrentam dificuldades, tais como estrutura e, em especial, a educação.

Existem atualmente na aldeia 45 famílias, cerca de 170 pessoas, e neste local além de residências, possui também cadeia, igreja e uma escola, objeto de nosso estudo. A partir da escolha do tema, baseado na cultura e educação indígena, passamos a buscar, conhecer e mapear as práticas de ensino na aldeia, onde a escola possibilita as crianças indígenas estudarem até o quinto ano.

Nesta pesquisa pretendemos compreender como se dá a transição de alunos e alunas indígenas pertencentes à comunidade Kaingang, para uma escola não indígena, Escola Estadual de Ensino Médio Professora Haydée Mello Rostirolla, localizada no mesmo bairro da aldeia, em São Leopoldo, na região do Vale do Rio dos Sinos. Como instrumentos de pesquisa, são utilizados livros como fontes referenciais, levantamento de dados, visitas na aldeia e na escola não indígena, entrevistas e questionários com alunos e alunas e responsáveis indígenas e não indígenas, docentes que trabalham na aldeia, além de professores, funcionários e servidores da escola fora da aldeia.

Como resultado da pesquisa, esperamos compreender quais as dificuldades encontradas pelos alunos indígenas ao ingressarem em uma escola não indígena, sentimentos e desafios. Com os resultados obtidos até o momento, podemos notar que os hábitos escolares dentro da aldeia se diferem

muito do que costumamos ver na escola não indígena, o que torna difícil a adaptação dos mesmos. O corpo docente da escola Haydée não possui um tratamento específico para a adaptação dos alunos indígenas que ingressam na mesma, o estranhamento é visível principalmente quanto às disciplinas, o método de ensino, avaliações, e o número de professores que é muito alto, pois na aldeia os alunos possuem aula com único professor em todas as séries durante o processo educativo até o quinto ano.

Palavras-Chave: São Leopoldo/RS, Aldeia Kaingang, Educação Indígena, Sistemas Escolares, Processo Educativos.

## **Problema**

O número de jovens e adolescentes indígenas que se formam no ensino fundamental e médio é muito baixo. Comunidades indígenas, muitas vezes, têm escolas somente para os primeiros ciclos do ensino fundamental; isso faz com que seus alunos tenham que continuar seus estudos em escolas não indígenas, fora da aldeia. Considerando isso, buscamos analisar como é a percepção de alunos indígenas sobre a escola regular quanto aos desafios e aos obstáculos de adaptação e para a permanência durante a trajetória escolar.

## **Objetivo específico**

Esta pesquisa objetiva identificar as percepções dos alunos indígenas, pertencentes à comunidade Kaingang, quanto à sua transição de uma escola indígena para uma escola não indígena.

## **Justificativa**

O grupo indígena no qual estamos realizando a pesquisa é da nação Kaingang, onde os mesmos são descendentes de uma extinta sociedade tribal chamada Guainám. A aldeia na qual estamos trabalhando fica localizada na

área urbana de São Leopoldo e é composta por pessoas vindas, em especial, da reserva de Nonoai, Noroeste do estado.

Este grupo indígena chegou na cidade de São Leopoldo há cerca de 18 anos. Durante esse período foram oito anos vivendo em baixo de um viaduto, localizada na BR116, em situações precárias, até que lhes foram concebido um território no bairro Feitoria/ São Leopoldo, onde vivem até hoje e denominaram a aldeia como Por Fi Ga, onde ainda enfrentam muitas dificuldades, tais como estrutura, saúde e a educação.

Na aldeia Por Fi Ga, além de residências, possui também cadeia, uma igreja e uma escola, que é basicamente o objeto de nosso estudo. Esta escola esta sobre a responsabilidade do governo estadual, mas em questão de estrutura está em situação precária, lhes faltando espaços para lazer, espaços de aprendizado, livros e uma educação mais reforçada para o possível ingresso dos alunos indígenas em uma escola não indígena fora da aldeia.

A escola dentro da aldeia possui escolarização somente até o quinto ano, onde os alunos para darem prosseguimento em seus estudos precisam se deslocar para uma escola fora da aldeia, onde são direcionadas para a Escola Estadual de Esino Médio Haydée Mello Rostirolla, que se situa no mesmo bairro Feitoria e é o estabelecimento mais próximo da aldeia.

Com o estudo que temos até o momento identificamos que, as escolas não indígenas não estão preparadas para o ingresso de alunos de diferentes culturas, onde as mesmas não trabalham em favor de uma adaptação dos alunos indígenas para um menor estranhamento. Pois, entre outras diferenças destacam-se: a de que na aldeia possuem apenas um professor, enquanto na escola regular um professor para cada disciplina, as rotinas de sala de aula são diferentes da sociedade branca/ocidental.

Tudo isso logo nos causou grande curiosidade em saber as formas da construção do conhecimento passado na escola indígena, as dificuldades encontradas ao longo do período escolar e os conteúdos curriculares.

Com este trabalho, pretendemos esclarecer dúvidas e contribuir na reflexão para a construção de práticas educativas com a intenção de qualificar a transição entre as duas culturas no sistema escolar.

## **Metodologia**

A pesquisa propõe identificar as percepções dos alunos indígenas pertencentes à comunidade Kaingang quanto a sua transição de uma escola indígena para uma escola não indígena.

A pesquisa apoia-se em referências teóricas como artigos de Colaço (2000) e de Buratto (2004), os quais estabelecem uma relação da escola nos contextos legislativos em relação de indígenas que portam alguma necessidade especial, no sentido de como é realizado esse processo de educação com os mesmos. Nas nossas visitas na aldeia, observamos que havia um indígena com deficiência, que não participava da aula. Como referências teóricas, foram realizadas leituras e discussões de leis da Constituição para melhor compreendermos a forma que é estabelecida a educação para os indígenas, incluindo seus direitos e deveres. Neste sentido, Medeiros e Antunes (2013) discutem leis que tornam obrigatório o estudo da história e da cultura indígena, apresentando experiências de uma escola indígena Kaingang.

Além das nossas referências teóricas, tivemos contato com professores que estão trabalhando no âmbito escolar indígena, como a professora Graziela Rinaldi da Rosa e professor Edson Ribeiro, que são professores de escolas não indígenas e discutem questões da educação indígena. Participamos de uma reunião na escola não indígena, cuja pauta foi sobre ALUNOS x TRABALHO, onde foi discutida a relação do aluno indígena com o trabalho que desenvolvem nos contra turnos de aula, pois chegam indispostos para as aulas e, muitas vezes, ocorre o abandono da escola, tentando achar alguma solução para o fato que é freqüente.

A coleta de dados para pesquisa envolveu, ainda, visitas à aldeia e à escola não indígena, entrevistas semi-estruturadas foram feitas com professores, alunos, pais e responsáveis indígenas e não indígenas, reuniões e relato em caderno de campo.

## **Diálogo teórico**

Nossa pesquisa propõe identificar as percepções dos alunos indígenas pertencentes a comunidade Kaingang quanto a sua transição de uma escola

indígena para uma escola não indígena. Os indígenas Kaingang são descendentes de uma extinta sociedade tribal chamada Guainá, mas a aldeia de São Leopoldo é composta por pessoas vindas da reserva de Nonoai.

A escola para índio surgiu no Brasil a partir de 1549, quando chegou ao território nacional a primeira missão jesuítica enviada de Portugal por D. João III. Para ensinar os índios a ler, escrever e contar, os missionários jesuítas percorriam as aldeias em busca, principalmente, das crianças. A função da escola era fazer com que estudantes indígenas desaprendessem suas culturas e deixassem de ser indivíduos indígenas. (CADERNOS SEDAC 3, 2006, pag. 10)

Com nossos referenciais teóricos podemos perceber que ainda há muito preconceito contra o índio e que muitos os tornam inferiores, segundo Colaço (2000), “A legislação não considera o índio como cidadão, ele é tido como ser humano inferior e dependente do não- índio, supostamente incapaz de se autogovernar, o que torna necessária a tutela do estado.”

No Brasil atualmente existe mais de 225 povos indígenas com crenças, línguas, tradições e costumes diferentes, segundo o Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas (RNCEI - 1998). Os dados do Censo Escolar INEP/MEC 2006 mostram que a educação indígena cresceu 47,3% nos últimos 4 anos. Em 2002 tinha 117.171 alunos freqüentando escolas indígenas em 24 unidades da federação. Já em 2006 este número chega a 172.591 em cursos que vão da educação infantil ao ensino médio.

Outro referencial teórico que estamos utilizando é o texto de *Medeiros e Antunes (2013)*, onde discute leis que tornam obrigatório o estudo da história e cultura indígena, apresentando experiências de uma escola indígena Kaingang.

Da mesma autora, Medeiros (2012), fizemos a leitura do artigo “*EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA: O ESTUDO DA LÍNGUA KAIKANG E DO ARTESANATO NA ESCOLA*” e “*História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang*”, que nos faz compreender os diversos momentos da construção de uma “escola indígena” e as diversas maneiras de educá-los neste período. Este artigo não traduz o que vimos em nossa pesquisa até o momento, já que trás informações que há muitos indígenas em muitas escolas não-indígenas, há grande quantidade dos mesmos no ensino superior,

enquanto nossa pesquisa nos mostra que até o momento apenas uma indígena formou-se no ensino médio.

Um dos artigos de Buratto (2004), que mais nos chamou atenção, onde faz uma relação da escola nos contextos legislativos e em relação de indígenas que portam alguma necessidade especial, como é realizado esse processo de educação com os mesmos. Pois nas nossas visitas na aldeia ficam intrigadas ao vermos um indígena com deficiência, que não participava da aula, e gostaríamos de saber como é essa relação com o mesmo em questão do aprendizado dentro da aldeia.

### **Análise de dados**

Com os dados obtidos notamos que, a aldeia Por Fi Ga na qual estamos pesquisando, possui a aprendizagem bilíngüe, que é bastante comum nas escolas indígenas, onde são alfabetizados na sua língua materna e ao mesmo tempo são introduzidos no aprendizado da língua portuguesa, isso ocorre para que esses indígenas não percam suas tradições e seus marcantes traços. Com nossas visitas a aldeia Por Fi Ga, conseguimos notar o quão forte é para eles essa necessidade de manter seus hábitos, tornando desta forma a escola indígena totalmente diferente da escola não-indígena.

Os regimes escolares entre as duas escolas (indígena e não-indígena) possuem diferenças marcantes e características próprias de ensino, também se diferem em vários pontos como a maneira que são tratados por seus professores, calendário escolar, carga horária e conteúdos.

Durante nossas visitas e entrevistas pré-estruturadas na escola indígena e na escola não indígena, pudemos nos aproximar de noções do quanto os indígenas passam por dificuldades na transição de uma escola indígena para uma escola não-indígena, mostrando por seus relatos o quão difícil é a adaptação de pessoas de uma cultura diferente ao serem inseridos a uma outra cultura, nos citando principalmente carência na questão de escolarização, deveres, obrigações e ritmo de trabalho.

## REFERÊNCIAS

**BURATTO, Lucia Gouvêa. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA LEGISLAÇÃO E OS INDÍGENAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.** Maringá PR Biblioteca Central – UEM, 2004. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/565-4.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2015.

**MEDEIROS, Juliana Schneider. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA: O ESTUDO DA LÍNGUA KAINGANG E DO ARTESANATO NA ESCOLA.** Porto Alegre/ RS -ANPED, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2218/403>

\_\_\_\_\_, *Juliana Schneider e ANTUNES, Cláudia Pereira. Povos indígenas, escolas e histórias: uma abertura para a interculturalidade.* São Paulo: HISTÓRIA SOCIAL, n. 25, 2013. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1844>. Acesso em 18 de junho de 2015.